

**REFLEXÕES SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO E ARTE PARA
JUVENTUDES, SOB UMA PERSPECTIVA FEMINISTA DE PESQUISA**

**REFLECTIONS ON EDUCOMMUNICATION AND ART FOR YOUTH,
FROM A FEMINIST RESEARCH PERSPECTIVE**

Cláudia Lahni¹
Fabiana Furlani Carlucci²

RESUMO: O fechamento das escolas durante a pandemia impactou profundamente o bem-estar de jovens, expondo-os/as a desafios emocionais e sociais. Nesse contexto, profissionais da educação recorreram à educomunicação, para apoiar a aprendizagem remota e fortalecer o desenvolvimento juvenil. Este artigo, baseado em uma dissertação de Mestrado, apresenta parte de uma pesquisa qualitativa que investiga como práticas educacionais incentivam o crescimento das juventudes em ambientes educacionais. As reflexões realizadas, nesta pesquisa, aplicam uma perspectiva feminista, que valoriza a experiência e a representatividade de mulheres na ciência e na prática pedagógica. Os resultados indicam que a integração entre arte, comunicação e feminismos, não apenas apoia o desenvolvimento de adolescentes, mas também pode colaborar com a promoção de uma cidadania ativa e uma educação emancipadora para todas as pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Juventude; Perspectiva Feminista de Pesquisa.

ABSTRACT: School closures during the pandemic have had a profound impact on the well-being of young people, exposing them to emotional and social challenges. In this context,

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), professora permanente do Programa Pós-Graduação Estudos da Condição Humana (PPGECH – So), Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, E-mail: claudia.lahni@ufscar.br

² Mestra em Estudos da Condição Humana, pelo Programa Pós-Graduação Estudos da Condição Humana (PPGECH - So), - Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, E-mail: fabianacarlucci@estudante.ufscar.br

education professionals have turned to educommunication to support remote learning and strengthen youth development. This article, based on a Master's dissertation, presents part of a qualitative research that investigates how educommunication practices encourage the growth of young people in educational environments. The reflections carried out in this research apply a feminist perspective, which values the experience and representation of women in science and pedagogical practice. The results indicate that the integration of art, communication, and feminisms not only supports the development of adolescents, but can also collaborate with the promotion of active citizenship and emancipatory education for all people.

KEY-WORDS: Educommunication; Youth; Feminist Research Perspective.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de desenvolvimento marcado por transformações biológicas, psicológicas e sociais. As características desse momento são complexas, e múltiplas abordagens procuram definir esse período do ciclo vital, situado entre a infância e a idade adulta. Todavia, em um contexto pandêmico, no qual o isolamento foi adotado como medida necessária para o controle da contaminação, não foi possível manter hábitos até então considerados saudáveis para esses/as jovens. Esse rompimento significou uma grande mudança no desenvolvimento complexo desse grupo, afetando como esses sujeitos se veem envolvidos em seu contexto social.

De repente, a escola, assim como outros espaços de interação – que sempre foram ambientes ideais para que muitas descobertas pessoais ou vivências socializadoras e plurais acontecessem –, passou por transformações significativas, com protocolos sanitários que alteraram abruptamente a relação desses/as adolescentes com esses espaços. Assim, para além das questões socioemocionais que permearam a vida das juventudes na pandemia, surge a pergunta: quais são os espaços que podemos e devemos trazer à luz na formação integral de indivíduos, vivendo um novo tempo presente?

A pesquisa de Mestrado em Estudos da Condição Humana, de onde surge este artigo, buscou investigar no campo da interdisciplinaridade, na interface entre comunicação, educação e arte, de que maneira a educomunicação tem colaborado com a potencialidade das juventudes em práticas educacionais, considerando o período específico da pandemia da Covid-19. Nesse contexto, a *Experimente Oficina* — projeto que utilizou a educomunicação e a arte para fomentar a expressão e o diálogo entre jovens, ministrado por uma das autoras deste artigo — ofereceu um espaço onde participantes puderam explorar suas vozes e criar coletivamente, desenvolvendo habilidades comunicativas e cidadãs. A partir dessa pesquisa, propomos uma

reflexão sobre outras possibilidades de práticas educomunicativas associadas a produções artísticas, que possam auxiliar na formação, no exercício da cidadania e na emancipação humana.

Para termos outro olhar acadêmico e, como de costume, assumirmos integralmente nosso feminismo, assim como para contribuir com a valorização da mulher na Ciência, adotamos uma perspectiva feminista de pesquisa, buscando um ponto de vista diferente daquele frequentemente ancorado em um sistema hegemônico, branco, eurocêntrico e patriarcal. Como aporte teórico, apoiamo-nos em obras de autoras que entendem a educação, a comunicação e a arte como fundamentais e estratégicas para promover a cidadania ativa e democrática de todas as pessoas.

Partindo da experiência feminina, da análise e do uso de linguagens não sexistas e da emancipação de grupos oprimidos – em especial das mulheres –, este estudo demonstra uma preocupação real com o lugar da investigadora em relação aos/às participantes, considerando-os/as especialistas de suas próprias experiências.

A escolha do objeto e dos sujeitos decorre do envolvimento de uma das autoras deste artigo com os grupos investigados, uma vez que ela atua há quase duas décadas no “chão” da escola como arte-educadora, ministrando aulas de teatro para o ensino fundamental I, II e o ensino médio, além de algumas disciplinas eletivas no campo da arte-educação e comunicação, desenvolvidas a partir de sua experiência profissional.

2. COVID-19 E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO

Pesquisa da associação civil sem fins lucrativos "Dados para um Debate Democrático na Educação (D³e)"³ demonstra que a maioria dos estudos que apresentam dados de países em desenvolvimento, durante a pandemia, sugere um aumento nas taxas de abandono escolar nesse período. Esses estudos identificaram dois grupos em situação de maior risco: adolescentes e meninas (2022, p. 6).

No Brasil, a fragilização do vínculo com a escola, associada às dificuldades para a implementação do ensino remoto nas redes públicas, gerou grande preocupação quanto às taxas de abandono e evasão escolar. No entanto, sabemos pouco sobre os efeitos da interrupção das atividades presenciais nessas taxas no país nos anos de 2020 e 2021. Isso porque os dados do

³(2022, p. 6). [TÉCNICA, N. Impactos da pandemia na educação brasileira. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/nota_tecnica_2212_impactos_pandemia_educacao_brasileira.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023.]

Censo Escolar 2021 subestimaram fortemente esses números, já que muitas redes deixaram de reportar esse fenômeno devido à dificuldade de contato com os/as estudantes.

A pesquisa "Educação brasileira em 2022 – a voz de adolescentes", realizada pelo Instituto de Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC) a pedido do UNICEF, em agosto de 2022, trouxe um levantamento feito de 9 a 18 de agosto de 2022, apontando uma evasão escolar de 2 milhões de crianças e jovens entre 11 e 19 anos, evidenciando uma crise educacional no Brasil, fortemente acentuada pela pandemia de Covid-19.⁴

Ainda que o Brasil tenha tido bons números de vacinação contra a Covid-19, a ausência de medidas de combate à doença marcou os três anos de pandemia no país. Não podemos esquecer que, em consequência dos horrores do desgoverno brasileiro dos anos de 2019-2022, pautado na desinformação, no negacionismo e atos antidemocráticos, o país chegou a registrar em abril de 2021, mais de quatro mil mortes por dia, além de tornar-se exemplo negativo no combate à pandemia.⁵

Mesmo depois de quase cinco anos, com o sentimento de volta à “normalidade” da vida, os efeitos do fechamento das escolas, da redução da atividade econômica e da intensa digitalização de empresas e relações interpessoais continuam a impactar as juventudes (e outras camadas da população), sobretudo as que estão em situação de maior vulnerabilidade. Contra isso, é preciso lidar com esse cenário a curto, médio e longo prazo, articulando ações e políticas públicas. Entre poder público, setor privado e sociedade civil com foco em inclusão, justiça social e novas oportunidades de desenvolvimento, existem forças para restauração daquilo que precisamos construir na educação, e isso não é possível sem a presença de um Estado de Direito comprometido.

2.1. *Pandemia e Juventudes*

Maria Carla Corrochano (2021), professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGED-So) e em Estudos da Condição Humana (PPGECH-So) da UFSCAR, avalia, em matéria publicada pela Sociedade

⁴ [UNICEF. Educação brasileira em 2022 - a voz de adolescentes | UNICEF Brasil: Pesquisa realizada pelo IPEC para o UNICEF. Educação brasileira em 2022 - a voz de adolescentes, [S. l.], p. 28, 15 set. 2022. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/media/20186/file/educacao-em-2022_a-voz-de-adolescentes.pdf. Acesso em: 20 dez. 2022.]

⁵ Brasil bate marca de 4 mil mortes por Covid registradas em um dia pela 1ª vez e soma 337,6 mil na pandemia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Brasileira de Sociologia, que a pandemia de COVID-19 aprofundou uma crise que não é recente, especialmente no contexto da juventude.

Segundo a autora, se considerarmos o trabalho e os estudos como dimensões significativas da condição juvenil, é possível afirmar que a pandemia agravou uma situação preexistente. Para muitos jovens, a dedicação exclusiva aos estudos ou a combinação entre trabalho e estudo – marcadores de condição das juventudes brasileiras – tornou-se ainda mais complexa. A pandemia acelerou o aumento da evasão escolar, evidenciando a urgência do trabalho, em razão da redução da renda familiar. Além disso, as dificuldades de conexão, o acesso limitado a equipamentos e o retorno incerto às escolas, em um contexto ainda inseguro, acentuaram a fragilidade da permanência de jovens nas instituições de ensino, especialmente aqueles/as oriundos/as das camadas populares (Corrochano, 2021).

Vemos as juventudes como agentes de transformação em um sistema que parece estar em declínio. Este é o foco central de nossa investigação, que se concentra na capacidade transformadora dos/as jovens, especialmente no contexto de crise. Acreditamos que a arte, as práticas educacionais e outros projetos direcionados a estes sujeitos desempenham um papel essencial na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Tais iniciativas não apenas contribuem para a transformação social, mas também fortalecem a educação cidadã, capacitando-as a assumir um papel ativo e informado em um mundo em constante transformação.

2.2. Comunicação e Educação

É sabido que grande parcela da população brasileira é afetada com a extirpação de direitos como a educação e a informação, cujo estabelecimento é previsto na Constituição. Nesse sentido, no âmbito da educação, considera-se que com a pandemia da Covid-19 muitas atividades surgiram na prática pedagógica escolar, na tentativa de minimizar os danos a estudantes. Com isso, o ensino remoto emergencial passou a conduzir os percursos educativos, e o diálogo entre a comunicação e a educação tornou-se primordial. Desse modo, a importância dessa interface para mediar os novos processos de aprendizagem ficou ainda mais evidente, já que professoras/es foram desafiadas/os a inovar ainda mais suas práticas, tendo diferentes recursos como subjetificação em suas dinâmicas.

Por meio de algumas pesquisas realizadas nesse período, através de entidades científicas e/ou outros meios de comunicação, é possível constatar que educadores/as que puderam explorar algum tipo de repertório tecnológico, se conectando com essa possibilidade dentro do ensino remoto ou híbrido, e usaram por exemplo o audiovisual como ferramenta de trabalho,

experimentaram uma possível potencialidade no ensino-aprendizagem⁶. Por outro lado, essas mesmas pesquisas revelam que muitos/as profissionais da educação se viram impedidos/as de propor estratégias remotas, visto que parte dos/as alunos/as não possuía sequer aparelho móvel ou conexão à Internet, deflagrando ainda mais a disparidade socioeconômica de nosso país, acentuada pela pandemia⁷.

Antes mesmo desse período, já era amplamente reconhecido que o Brasil enfrentava desafios no campo da educação, visando reverter os baixos índices de aprendizagem escolar e superar as profundas desigualdades educacionais. Com a chegada da pandemia, a situação se agravou ainda mais. A duração do fechamento das escolas variou consideravelmente entre os países, e o Brasil se destacou como um dos que passaram mais tempo com suas escolas fechadas. Além disso, o país enfrentou sérias limitações na implementação do ensino remoto devido à falta de conectividade digital adequada em muitas de suas escolas públicas.

Também para fins de registro histórico, é importante destacar que a pandemia trouxe à tona a necessidade de debates mais profundos sobre a integração das novas tecnologias e métodos de aprendizagem, bem como o aprimoramento das habilidades humanas para enfrentar essas mudanças. Esses recursos demandam não apenas competência técnica e capacitação, mas, acima de tudo, a aplicação de conceitos fundamentados em nossa visão de uma sociedade mais justa, onde os princípios democráticos sejam efetivamente colocados em prática.

3. INTERDISCIPLINARIDADE E SUAS INTERFACES

Maria Aparecida Baccega (1943-2020), autora e professora doutora que atuou por 25 anos na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), enfatizou em sua obra a importância da mídia na formação cultural e educacional da sociedade. Em um contexto onde a pergunta tradicional “Devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios?” não se aplica, Baccega (2009) já nos alertava sobre o fato de que os meios de comunicação são, por si mesmos, agentes educadores e socializadores. Segundo a autora, a construção da cidadania também passa por eles: “No sentido em que a escola já não é mais o único ‘lugar do saber’, temos que entender que

⁶ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Impactos da pandemia na educação brasileira. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁷ DIAS, R.; PINTO, M.; PEREIRA, A. et al. Educação pública, acesso às tecnologias digitais e ao ensino remoto na pandemia da COVID-19. Journals OpenEdition. Disponível em: <https://journals.openedition.org>. Acesso em: 12 jun. 2023.

modalidade de mídia queremos para pavimentar as mudanças sociais para a construção da efetiva cidadania” (Baccega, 2009, p. 20).

Baccega também destaca que comunicação e educação, enquanto campos interligados, incluem, mas não se limitam à educação para os meios, à leitura crítica das mídias, ao uso da tecnologia em sala de aula e à formação de docentes para lidar com esses meios. A autora ressalta a importância de construir cidadania a partir de um mundo mediatizado, conhecido e criticado. Nesse campo, inserem-se diversas áreas: do ambiente digital à arte-educação, do meio ambiente à educação a distância, incluindo ainda os vários suportes e linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal e cibercultura –, todos congregando o esforço educativo entre escola e mídia para promover mudanças sociais e fortalecer a cidadania.

Nessa mesma linha, Olga Pombo (2003), teórica portuguesa e doutora em História e Filosofia da Educação, propõe que a função da escola seja auxiliar na educação, mas não assumir integralmente a responsabilidade pelo desenvolvimento social do/a aluno/a. Para ela, a educação transcende os muros escolares. Pombo diferencia “educação” de “ensino” e explica que: “A primeira (educação) diz respeito à disciplinarização das vontades e dos desejos, já o segundo (ensino), à inscrição das novas gerações no patrimônio comum dos saberes que fomos inventando” (Pombo, 2003, p. 18-19).

Dialogando com as reflexões de Baccega e Pombo, não é de hoje que se percebe que o aprendizado também ocorre em contextos não formais, os quais desempenham um papel crucial na formação pessoal e social. Segundo Maria da Glória Gohn, doutora em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, a educação não formal é fundamental para a cidadania e especialmente significativa entre os/as jovens. Sua flexibilidade atrai a atenção e imaginação juvenil, promovendo inclusão social, combatendo preconceitos e valorizando a cultura das comunidades, mesmo em contextos socioeconômicos desafiadores (Gohn, 2020, p. 13).

Em “Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade”, bell hooks (2017), autora, professora, teórica feminista e ativista antirracista, critica o modelo de “educação bancária” e propõe uma educação libertadora, pautada na horizontalidade. Para hooks, o multiculturalismo e a diversidade desafiam educadores/as a repensar suas práticas, revelando os limites das fronteiras tradicionais do conhecimento e a necessidade de combater parcialidades e preconceitos.

Assim, percebemos que tanto a educação formal quanto a não formal atuam como ferramentas essenciais para potencializar o desenvolvimento desses sujeitos. O papel da escola, portanto, é central, mas não exclusivo, na formação cidadã. As reflexões dessas autoras ressaltam a importância de uma educação inclusiva e crítica que abranja tanto o ambiente

escolar quanto os diversos meios de socialização, contribuindo para uma verdadeira transformação social.

3.1. Arte na Educomunicação

Ana Mae Barbosa (2020), professora pioneira em arte-educação e seguidora de Paulo Freire, defende, em “A Imagem como Ensino da Arte”, o papel social e crítico do ensino das artes por meio de sua abordagem triangular: apreciar, refletir e produzir. Para Barbosa, o ensino da arte deve ajudar comunidades marginalizadas a entender os códigos e significados das classes dominantes, permitindo uma aproximação democrática da diversidade cultural brasileira. “A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos” (Barbosa, 2020, p. 33).

Barbosa ainda destaca a relevância da arte na pandemia, apontando-a como uma “fibra óptica” da educação, capaz de conectar os diversos campos do conhecimento e estimular a autoestima e expressão crítica de jovens. Assim, a arte-educação, aliada à comunicação, permite que educandos/as desenvolvam uma postura crítica sobre o que consomem em seu cotidiano, facilitando novas maneiras de ver e pensar o mundo.

A arte-educação e a educomunicação compartilham o objetivo de uma formação do ser humano que vá além do desenvolvimento intelectual para incluir aspectos emocionais, sociais e éticos.

Grácia Lopes Lima (2009), coordenadora do Instituto GENS e doutora pela USP, reflete sobre o papel de Paulo Freire e Mario Kaplún, precursores da educomunicação na América Latina, em contextos de ditadura, onde ambos desenvolveram uma educação voltada para a autonomia e para a formação de receptores críticos e participativos. Segundo Lima, o/a educador/a é aquele/a que, com uma escuta sensível, trabalha com a educação por meio dos meios de comunicação, considerando-os como processos de aprendizado. Com isso, ele/a não busca amenizar resistências, mas sim revelar as contradições sociais e promover autonomia e liberdade entre os/as educandos/as.

A autora acentua, portanto, que, o/a mediador/a é um/a agente impulsionado/a por convicções, cujo papel é facilitar o aprendizado em comunicação, não para seguir modismos, mas para promover uma transformação social autônoma e participativa, evidenciando resistências e enfrentando os desafios de um ensino verdadeiramente emancipador (Lima, 2009, p. 112).

A arte e a educomunicação desempenham papéis cruciais na construção de uma educação transformadora e inclusiva. O trabalho de Ana Mae Barbosa evidencia a importância do ensino das artes na democratização do conhecimento estético e na promoção de uma visão crítica, principalmente para comunidades marginalizadas. A educomunicação, como defende Grácia Lopes Lima e seus precursores, surge como uma ferramenta para fortalecer a autonomia, ao mesmo tempo em que expande o conceito de educação para além dos muros escolares. Juntas, arte e comunicação atuam como catalisadores no desenvolvimento do ser humano, promovendo não só o aprendizado intelectual, mas também o crescimento emocional, social e ético, indispensáveis para a formação de cidadãos/ãs conscientes e engajados/as na transformação social.

4. ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDES, COMUNICAÇÃO E ARTE

Maria Rita de Assis César (1998), pesquisadora com foco em gênero e educação, em sua dissertação de mestrado em educação pela Universidade Estadual de Campinas, argumenta que as pesquisas sobre psicologia da adolescência, realizadas no início do século XX, estabeleceram um discurso dominante ainda presente nas representações e análises atuais. Segundo César, esse discurso psicopedagógico trata a adolescência como um conceito a-histórico, concebendo-a como um conjunto de características imutáveis e biologicamente determinadas, de modo que a “adolescência” é abordada como um objeto totalizável, sujeito a uma compreensão científica capaz de oferecer alternativas terapêuticas para lidar com os “problemas” inerentes dessa fase (César, 1998, p. 5-6).

Ainda hoje, persiste na sociedade uma visão que associa o termo “adolescência” ao verbo latino “adolescere” — que significa “adoecer” ou “enfermar” — revelando o desafio e a vulnerabilidade associados ao processo de amadurecimento (César, 1998, p. 1). Em contrapartida, a sociedade capitalista enxerga a juventude como um “jeito de corpo, sinal de saúde e disposição”, caracterizando-a também como “perfil do consumidor”, ou seja, um segmento de mercado desejável (Maia, 2020, p. 94).

Nessa circunstância, Aline Maia (2020), doutora em comunicação pela PUC-Rio, em sua obra “RABISCA E PUBLICA: Juventudes e Estratégias de Visibilidade Social e Midiática”, discute estratégias de visibilidade social e midiática de jovens pretos/as e favelados/as. O trabalho de Maia favorece que os/as jovens observados/as em sua pesquisa sejam protagonistas, ressaltando a importância das performances de seus corpos como reivindicação de voz e identidade.

Baseada em sua tese de doutorado, sua obra analisa como essas juventudes utilizam práticas de comunicação, especialmente nas redes sociais, para reivindicar espaço e voz em contextos marcados por desigualdades raciais, sociais e econômicas. A autora aborda ainda as performances corporais desses/as jovens como instrumentos de resistência e expressão, mostrando como seus corpos, falas e ações nas mídias se tornam formas de luta por direitos e reconhecimento. Trata-se de um diálogo entre juventude, mídia, identidade e questões sociais, com foco em práticas que desafiam a invisibilidade e a exclusão, além de contribuir para discussões no campo da comunicação, das juventudes, do feminismo negro e das dinâmicas sociais no Brasil contemporâneo.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁸, estabelecido pela Lei nº 8.069 em 1990, define "adolescente" como o indivíduo entre 12 e 18 anos incompletos, enquanto o termo "jovem" não é explicitamente detalhado, mas pode referir-se a pessoas entre a adolescência e o início da vida adulta. Já o Estatuto da Juventude⁹ (Lei nº 12.852), de 2013, abrange os direitos de jovens entre 15 e 29 anos, promovendo políticas públicas para incentivar a participação e o desenvolvimento desse grupo.

Considerando a abordagem interdisciplinar, optamos por não nos restringir a categorias unidimensionais ao nos referirmos aos sujeitos de nossa pesquisa, permitindo a exploração de múltiplas manifestações das juventudes. Assim, utilizamos os termos "adolescentes", "jovens" e "juventudes" conforme o contexto, com o objetivo de melhor refletir a diversidade e as dinâmicas desse grupo.

4.1. Experiência em Prol da Juventude, Experimente Oficina

Em resposta à interrupção das aulas presenciais em março de 2020 devido à Covid-19, uma das autoras deste artigo, afastada de suas atividades no colégio onde trabalhava, iniciou a *Experimente Oficina* em maio do mesmo ano. O projeto voluntário envolveu 21 jovens, entre alunos/as e ex-alunos/as, sem vínculo institucional, divididos em três grupos etários: 11 a 14, 16 a 17 e 19 a 21 anos. Com encontros semanais de uma hora e meia, durante dois meses, os/as

⁸ BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 10 dez. 2024.

⁹ BRASIL. Estatuto da Juventude. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 6 ago. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 10 dez. 2024.

participantes exploraram o teatro, o corpo, as artes plásticas, a música, a poesia e o audiovisual, com uma abordagem baseada na metodologia triangular de Ana Mae Barbosa.

As atividades eram estruturadas em três etapas: exercícios corporais, apreciação de materiais variados (como vídeos, textos e curtas-metragens) e produção criativa, individual ou em grupo. Valorizando a experimentação e expressão pessoal, o foco era menos na arte erudita e mais na arte como expressão, considerando-a como meio de comunicação e suporte emocional no contexto da pandemia.

A proposta dialogava com as necessidades dos/as adolescentes, permitindo a criação de cenas teatrais, poesias, coreografias e vídeos em um ambiente colaborativo e horizontal. A oficina não só ofereceu um espaço de socialização e apoio, como também contribuiu para a presente pesquisa, explorando a interseção entre educação, comunicação e arte na contemporaneidade.

É no campo da experiência e da expressão que fizemos o recorte de nossa pesquisa, que depois foi elaborada como dissertação de Mestrado. Esse recorte se apresenta em meio a uma pandemia, ou seja, a uma crise de várias ordens, envolvendo jovens. Buscamos entender de que maneira a expressividade de quereres, angústias, medos e afins se desdobravam como potencial criativo ou como possível respiro no campo da arte e da educomunicação. Assim, torna-se imprescindível compreender o campo da experiência nas artes não apenas como um mero fazer, mas como uma ação refletida, intencional e planejada, que requer a percepção dos fins para julgar os meios e os produtos criados.

4.2. Arte na Pandemia

Ana Mae Barbosa (2022), em um artigo intitulado "Três Mulheres de Três Gerações: Ana Mae Barbosa, Quarentena e Arte", publicado no site da Editora Timo, reflete sobre a significativa importância da arte durante o período pandêmico. No decorrer do texto, realiza uma digressão em sua história familiar e convívio entre avó, filha e neta. A autora ressalta o potencial da arte para unir e apaziguar, mesmo expressando ceticismo em relação ao discurso prevalente de autoajuda disseminado durante a pandemia. Ela nos desafia com a indagação: "O que seria de nós se não fosse a arte nesta pandemia? Ouvir música, assistir filmes, programas de humor, ler, desenhar, criar; todos esses elementos compõem a cultura frequentemente menosprezada que nos envolve. Barbosa conclui o parágrafo enfatizando uma crença compartilhada por nós, afirmando que "a tecnologia emergirá desta crise de saúde como uma deusa, mas somente a Arte pode garantir a qualidade do que é veiculado por essa tecnologia" (Barbosa, 2022, n.p.).

Em entrevistas realizadas com os/as participantes da *Experimente Oficina* para a dissertação, cujo título é *Arte na educomunicação, como potencialidade de jovens em espaços de educação*¹⁰, tornou-se evidente o papel crucial que a arte desempenhou durante esse período de crise. Assim como observado por Barbosa (2022), indagamo-nos sobre qual seria o papel da tecnologia sem a influência do senso estético e da emoção proporcionados pela arte. A importância da arte se revelou não apenas na criação de laços solidários, mas também na capacidade de resistir e manter a esperança. Destacamos ainda como a arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da inteligência humana, contribuindo de maneira significativa para o aspecto lógico do ser.

Em tempos de intenso consumo de imagens, um fenômeno que a pandemia nos trouxe, as pessoas puderam vivenciar a vastidão de conhecimento gerada por meio das imagens. Enquanto podemos nos comunicar através de linguagem discursiva e científica, é somente por meio da linguagem presentacional que conseguimos apreender o que a linguagem das artes nos proporciona. A linguagem artística não encontra equivalência em nenhuma outra forma de expressão. Mais uma vez, alinhadas com Barbosa (2022), compartilhamos da crença de que (não obstante a tristeza das mortes, da separação etc.) a pandemia nos concedeu a oportunidade de apreciar mais profundamente o valor cognitivo e epistemológico da arte.

4.3. Metodologia de Pesquisa

A *Experimente Oficina* foi idealizada para oferecer a jovens um espaço de expressão e criação artística durante a pandemia, explorando áreas como teatro, música e audiovisual. Na análise dos resultados dessa experiência, a pesquisadora optou por uma perspectiva feminista na metodologia, também inspirada por Aline Maia (2020), que ressalta a importância de não reduzir o ‘Outro’ a um simples “objeto de pesquisa”. Maia destaca a necessidade de questionar as hierarquias nas relações entre pesquisadora e participantes, buscando relações mais horizontais e dialógicas. Esse princípio feminista, aplicado à pesquisa, permitiu que os sujeitos da oficina fossem reconhecidos como protagonistas e coautores/as das produções.

Ao trabalhar com a diversidade de jovens participantes, foi adotada uma abordagem que buscava destacar a pluralidade de suas vivências. A perspectiva feminista também reforçou a

¹⁰ CARLUCCI, Fabiana Furlani. Arte na educomunicação, como potencialidade de jovens em espaços de educação. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/e100e0f3-1677-4998-8722-87ca5079ea7d>. Acesso em: 26 out. 2025.

importância de considerar as influências de gênero e outras variáveis sociais, ao analisar os impactos da pandemia.

A *Experimente Oficina* se revelou, assim, um espaço onde jovens puderam compartilhar suas inquietações e produzir arte, refletindo sobre suas realidades. A abordagem metodológica feminista da pesquisa contribuiu para que as experiências relatadas pelos/as participantes fossem registradas de forma crítica e respeitosa, promovendo reflexões que podem ser aplicadas em políticas públicas voltadas à inclusão e ao fortalecimento de uma cidadania ativa.

É sabido que a pandemia agravou consideravelmente a iniquidade social em nosso país, acentuando ainda mais questões já profundamente enraizadas na sociedade, especialmente aquelas relacionadas a gênero, raça e classe. Conforme demonstram várias pesquisas citadas em artigo do jornal “Outras Palavras”, intitulado “Por que a pandemia afasta mulheres da ciência”¹¹, podemos observar essas discrepâncias também no cenário acadêmico. A desigualdade de gênero, com menos mulheres em comparação aos homens, é resultado de uma construção social. A academia, assim como a maioria dos setores intelectuais e profissionais da sociedade, foi originalmente moldada por e para o público masculino.

Reconhecemos, ainda, as dificuldades que enfrentamos ao lidar com fundamentos teóricos que se concentram estritamente na perspectiva feminina e feminista também como aporte teórico. Essas dificuldades não se tratam da contextualização de alguns conceitos, mas sobre como tais escolhas afetam significativamente nossa experiência diária na academia. Isso se manifesta, por exemplo, na resistência de colegas, professores/as que insistem na impossibilidade de abordarmos certos tópicos sem fazer referência a autores, homens. Por outro lado, é absolutamente comum e lamentável encontrarmos trabalhos acadêmicos nos quais as referências não incluam sequer uma mulher.

No artigo de Gabriela Maria Farias Falcão de Almeida (2020), “A Pesquisa Científica a partir de Olhares Feministas”, a doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco traz à tona reflexões sobre o que se constitui fazer uma ciência feminista. Almeida cita autoras que consideram a ciência tradicional como sendo androcêntrica e, a partir de uma crítica a esse modelo, questiona a quem serve o conhecimento e quem faz ciência. Ao desconstruir a ciência tradicional, podemos entender que a ciência não é algo à parte do contexto

¹¹OUTRAS PALAVRAS. Por que a pandemia afasta mulheres da ciência. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/por-que-a-pandemia-afasta-mulheres-da-ciencia/>>. Acesso em: 11 set. 2023. <<https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/por-que-a-pandemia-afasta-mulheres-da-ciencia/>>. Acesso em: 11 set. 2023.

cultural e nos faz refletir também sobre a relação dos/das pesquisadores/as com o campo do estudo e sujeitos estudados (Almeida, 2020, p. 15).

A androcentria pode ser evidenciada em várias áreas, incluindo na linguagem, na cultura, na política e nas normas sociais. Por exemplo, a linguagem androcêntrica muitas vezes usa pronomes masculinos como genéricos, excluindo as mulheres e outras identidades de gênero. A cultura androcêntrica pode promover estereótipos de gênero prejudiciais, e as políticas androcêntricas podem ignorar ou subvalorizar as necessidades e direitos das mulheres e de outras identidades de gênero. Para tanto, assumimos aqui essa responsabilidade no que diz respeito a uma construção epistemológica considerando o conhecimento adquirido, testado, validado e transmitido por mulheres.

5. RESULTADOS

O presente estudo adotou a Educomunicação, com especial ênfase na perspectiva de "Educação pelos meios de Comunicação", conforme delineado por Grácia Lopes Lima (2009). A autora argumenta que práticas que unem Comunicação e Educação, quando mediadas de maneira não centralizadora, favorecem a aprendizagem de uma relação social baseada na escuta mútua e no respeito à diversidade. Além disso, o uso dos recursos da comunicação social em contextos educativos é visto como uma das formas mais eficazes de desenvolver o potencial criativo de crianças e adolescentes.

A experiência da *Experimente Oficina* foi eficaz na promoção da colaboração entre os/as participantes, especialmente nas áreas de comunicação, expressão de sentimentos e criatividade. A pesquisa resultante enfatiza a importância de incluir todas as opiniões e respeitar as diversas formas de comunicação, reconhecendo os indivíduos e grupos como protagonistas de suas próprias histórias.

Ao interagir com os/as participantes, na pesquisa se praticou a escuta ativa, promovendo um ambiente no qual os/as jovens puderam expressar suas visões e contribuir ativamente na produção de conhecimento, fundamentado nas suas vivências e aspirações. Considerar suas produções, anseios, medos e sonhos, além de proporcionar alento ao momento de crise, nos aproximou de questões socioemocionais que permearam a vida de nossos sujeitos na pandemia.

Assim como Lima (2009), acreditamos que projetos de comunicação comunitária têm o potencial de garantir o direito à comunicação de forma inclusiva, independentemente de idade, etnia, gênero ou condição socioeconômica. Tais projetos constituem um espaço de liberdade e

resistência contra formas de dominação e exploração, desafiando pedagogias tradicionais e tecnicistas, frequentemente presentes na Educação Formal.

Durante a realização da *Experimente Oficina*, foi possível observar como a interface entre comunicação, educação e arte pode contribuir para a formação cidadã de jovens participantes. Através desse processo, os/as jovens foram constituídos/as como um grupo com objetivos comuns, utilizando a comunicação e a educação para construir uma cidadania mais inclusiva e participativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguimos com a convicção de que ainda há um longo caminho a percorrer na busca por mais reflexões interdisciplinares na interface entre educação, comunicação e arte. Reconhecemos a importância de permanecer atentas às novas gerações, provocando reflexões sobre o presente marcado por dúvidas, possíveis períodos de isolamento social e a necessidade de soluções democráticas por meio de políticas públicas que ofereçam oportunidades para todos/as seguirem seus sonhos e, acima de tudo, garantirem seus direitos.

Mantemos a confiança na ciência como uma ferramenta valiosa para contribuir com o conhecimento acumulado em prol do exercício do direito à comunicação e de uma educação emancipadora para todas as pessoas, carregando conosco a crença de que a pesquisa e a interdisciplinaridade continuarão sendo instrumentos cruciais para promover uma sociedade mais justa e igualitária.

Este trabalho também tem como objetivo promover a equidade de gênero, evidenciando a importância da Justiça Epistêmica e Científica, especialmente em um contexto onde mulheres ainda enfrentam diversas formas de violência e exclusão. Por meio de pesquisa bibliográfica e reflexões sobre práticas acadêmicas, buscou-se destacar a relevância de incluir e valorizar referências femininas e feministas no ambiente acadêmico, como forma de romper com a predominância masculina que historicamente silencia ou marginaliza vozes femininas.

Um dos pilares desta iniciativa foi a elaboração de uma dissertação de mestrado construída exclusivamente com autoras femininas e feministas, como um gesto político e acadêmico de valorização e visibilidade dessas produções e suas produtoras. Reconhecemos que, no meio acadêmico, ser citada é fundamental para a contagem de pontos em publicações qualificadas (como periódicos das categorias A e B), que muitas vezes determinam o acesso a financiamentos de pesquisa ou bolsas de produtividade.

Além disso, essa visibilidade é crucial para ampliar o debate sobre os problemas enfrentados pelas mulheres e para avançar na conquista de direitos ainda tão distantes para muitas. Ao contribuir com reflexões sobre essas questões, espera-se fomentar práticas acadêmicas pautadas pela sororidade, fortalecendo redes de apoio e reconhecimento mútuo entre mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Gabriela Maria Farias Falcão de. A pesquisa científica a partir de olhares feministas. *Revista Feminismos*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/37407>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação & educação*, v. 14, n. 3, p. 19-28, 2009. Tradução. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v14i3p19-28>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2020.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (2022, 10 de outubro). Ana Mae Barbosa: Quarentena e Arte. Editora: Timo. Disponível em: <https://editoratimo.com.br/2022/10/ana-mae-barbosa-quarentena-arte/>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- CARLUCCI, Fabiana Furlani. *Arte na educomunicação, como potencialidade de jovens em espaços de educação*. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/e100e0f3-1677-4998-8722-87ca5079ea7d>. Acesso em: 26 out. 2025.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. *A invenção da "adolescência" no discurso psicopedagógico*. 1998. 133f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1586629>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- CORROCHANO, Maria Carla. *Pandemia e condição juvenil: o futuro também é o agora*, 2021. Disponível em: <https://sbsociologia.com.br/pandemia-e-condicao-juvenil-o-futuro-tambem-e-o-agora/>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação não Formal: Direitos e Aprendizagens dos Cidadãos(ãs) em Tempos do Coronavírus*. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.7.7 - 2020.
- hooks, bell. *Ensinando a Transgredir - A educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla - 2.Ed. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LAHNI, C.; CARLUCCI, F.F.

LIMA, Grácia Lopes. Educação pelos meios de comunicação: produção coletiva de comunicação na perspectiva da educomunicação. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
doi:10.11606/T.48.2009.tde-29042009-152804. Acesso em: 18 nov. 2023.

MAIA, Aline. Rabisca e publica: juventudes e estratégias de visibilidade social e midiática. Curitiba, Appris, 2020.

POMBO, Olga. O Insuportável Brilho da Escola. In: Alain Renaut et al., Direitos e Responsabilidades na Sociedade Educativa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.